

O ESTRANGEIRO: REALIDADE E FICÇÃO¹

Cláudia Cristina Antonelli² – São Paulo, Brasil

As fronteiras, as separações: eu e o outro, dentro e fora, longe e perto, realidade e ficção – dicotomias que fazem parte e frequentemente perdem sentido, em se tratando do ‘sujeito estrangeiro’.

O estrangeiro é o estranho: aquilo que não reconheço como sendo similar, como sendo ‘eu’. Contudo, já afirmava Rimbaud, ‘*Eu é um outro*’. Ou seja, ‘o outro’, o estrangeiro, é, antes de tudo, eu mesmo. É minha vida mental (como nos mostrou Freud ao mostrar-nos o inconsciente), e é também o estranho-familiar (como continuou Freud, em *Heimlich*, de 1919). O Estrangeiro, afinal, somos nós, reafirmou Kristeva (1994).

O estrangeiro tanto fascina, quanto repele. Atrai, e amedronta. Tanto é o objeto do preconceito e do ódio: o pobre, o negro, o judeu, o homossexual, o refugiado; quanto o da idealização: Hermes, o deus mensageiro, foi um dos mais amados na mitologia grega. De uma forma ou de outra, diz-nos Koltai (2000), diante do estrangeiro, jamais permanecemos indiferentes.

Não obstante, atualmente, um grande número de pessoas se encontra na condição de *estrangeiras*: ou seja, habitando um país que não o de sua origem. Muitos transitam de uma nação a outra: migram e imigram em busca de outras formas de viver, trabalhar, desenvolver-se ou refugiar-se, como em casos de exílio, abrigo ou refúgio político, econômico, social – ou ainda, psíquico, conforme veremos. Vivemos já há algum tempo esta era de fluxos migratórios e imigratórios em diversas direções. Assistimos e vivemos o tão citado fenômeno da globalização, que, entre outras vicissitudes, coloca culturas ora remotas, praticamente ao alcance das mãos.

Propomos esta discussão em vista a uma maior ou ao menos, *melhor* capacitação nossa, psicanalistas, em diálogo com outras áreas - uma vez mais - para uma aproximação do que *ocorre* em termos psíquicos nessas subjetividades inseridas neste vai e vem cultural. Sobretudo quando a dor se faz presente.

¹Este artigo é extraído da dissertação de Mestrado intitulada “O sujeito estrangeiro: uma escuta psicanalítica de algumas experiências multiculturais contemporâneas”, sob orientação do prof. Dr. Luis Cláudio Figueiredo, a ser defendida em Novembro/2013, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

²Psicóloga, Mestranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Núcleo de Método Psicanalítico e Formações de Cultura. Professora do CEFAS (Campinas, SP). Formada em idiomas estrangeiros pela ONU (Genebra, Suíça).

Contudo, nem sempre a dor se faz presente. Em muitas destas situações – de indivíduos em trânsito entre nações – não existe para o sujeito a consciência ou mesmo a *existência* de um sofrimento psíquico, ao menos manifesto. Ou seja, nem sempre há, no psiquismo do sujeito deslocado pelo mundo, *uma queixa*. Contudo, a dúvida e o desejo de saber melhor, permaneceram: o que se dá na esfera psíquica deste sujeito que se encontra fora de seu país? Caso haja, quais os registros psíquicos desta situação/condição?

Em nossa pesquisa teórica inicial acerca destes questionamentos, encontramos vários autores nos falando destes registros psíquicos específicos, tais quais Grinberg (1984), Koltai (2000), Nathan (2001), Lagarde (2004) e Segers (2009), entre outros.

Com eles, voltamos então nosso olhar – não pela primeira vez na história da Psicanálise – ao sujeito que por certo tempo encontrou-se distante de seu país e de sua língua de origem, diante de um *outro* (país, língua, cultura, e também, de um *outro estrangeiro*). Vivendo, ou, dito de outra forma, *trocando psiquicamente* com este novo ambiente/com esta nova cultura, em maior ou menor grau.

A exemplo do ‘menor grau’, encontraríamos os guetos étnico-culturais, de certa forma ‘fechados em si mesmos’, tais quais *chinatowns* espalhadas pelo mundo, onde muitas vezes o sujeito não aprende/apreende a nova língua, nem a nova cultura, nem realiza *trocadas significativas* com este novo ambiente, a não ser o mínimo necessário para sua subsistência.

Apesar de ser este um tema interessante e desafiador, não foram, no entanto, estes os sujeitos de nossa pesquisa. Optamos por nos acercar daqueles que se ‘inseriram’, de uma maneira ou outra mais significativa, na *nova* cultura. Ou seja – não se mantiveram nem em guetos, nem isolados. Nossa hipótese inicial foi a de que, esta nova inserção (do sujeito) em uma cultura distinta de sua primeira, poderia ser de alguma forma – ou em alguma medida - um *reviver* de seus primeiros contatos, com a ‘Cultura como um todo’. Ou seja, daqueles primeiros momentos de encontro do bebê, com *o diferente*, com *o outro*, momentos estes que remetem aos primeiros cuidados, estes geralmente feitos pela mãe, ou por aquela(e) com esta função.

Em vista disto, então aqueles que *puderam* - em maior ou menor grau –, realizar esta inserção na Cultura de forma mais ou menos satisfatória, compreendendo possivelmente um separar-se desta mãe (ou daquela(e) com esta função) também de forma mais ou menos satisfatória, e assim inserir-se no mundo/na Cultura, dispunham de ‘mais’ recursos psíquicos ou, dito de outra forma, de ‘melhores possibilidades’

(psíquicas) quando de uma nova inserção, em outra cultura, já num momento posterior. Ou seja, nosso pressuposto inicial, antes do real encontro com os sujeitos desta pesquisa, foi o de que a *qualidade* dos primeiros trânsitos do sujeito na vida – do útero ao ambiente/mãe; a introdução desta do bebê no mundo *externo* e, concomitantemente, o desligamento parcial necessário deste bebê em relação ao seu primeiro ambiente/mãe – pautariam, em algum modo, a *qualidade* de seus trânsitos futuros.

Assim, a experiência subjetiva que este nosso sujeito fictício poderia atravessar em sua experiência alhures – ou seja, sua abertura ou não, para o outro, para o *diferente*, estaria, segundo nossa hipótese, diretamente calcado nos desdobramentos destes trânsitos primeiros. O ‘*alargamento*’ de seu espaço psíquico³, apto a receber novos registros, dependeria – em alguma medida importante – de suas primeiras experiências, de certa forma, de *trânsito*.

Estas reflexões, vale dizer, aconteceram no momento da *partida* deste trabalho – como *fantasias* (aqui no sentido de exercícios de pensamento) articuladas em forma de hipóteses, sobre o tema em questão, e à guisa de aquecimento. Porém, após o encontro com os reais sujeitos desta pesquisa, não foi o que levamos adiante, uma vez que estas hipóteses haviam sido pensadas *a priori*. Diante dos encontros com estes sujeitos, outras questões emergiram. O que, acreditamos, não poderia ter sido diferente, uma vez que caminhamos pelo solo da Psicanálise.

De encontro com os sujeitos desta pesquisa - e com os conteúdos destes encontros -, as perguntas, hipóteses, e nosso próprio questionamento, se transformaram.

O quê ou *o quanto* do mundo psíquico (intra e inter) deste sujeito que migra, *o faz migrar*? Quais as fantasias, quais os movimentos internos, inconscientes, desconhecidos dele próprio, subjazem aos seus movimentos *externos*? Que desejo o *impulsionou*, para além das fronteiras? Que fronteiras são essas de fato? Quais as fantasias inconscientes subjacentes ao seu processo migratório?

³ Por ‘alargamento do espaço psíquico’, referimo-nos a uma expansão da possibilidade de investimentos libidinais; da tolerância ao diferente e à frustração; a um melhor contato com seus próprios aspectos estrangeiros, entre outros; devido, segundo nossa hipótese, à introjeção de novos e numerosos registros culturais (signos, idioma, história e contexto cultural). Ferenczi fala-nos de ‘alargamento do ego’, o qual o autor define como fruto dos processos de introjeção (Ferenczi, apud Abraham e Torok, 1995).

Há sempre uma camada de *phantasias* inconscientes operando ao longo de qualquer atividade somática e psíquica dos seres humanos. Nada do que ocorre no corpo e na mente deixa de estar, de alguma forma, associado a esta atividade inconsciente e criativa de fantasiar (...) que dá sentido e valor afetivo a tudo que se faz e a tudo que nos acontece (Figueiredo, 2006)

Pensando assim, ‘a livre e espontânea vontade’ de migrar se transmutaria em um ‘nem-tão-livre-assim e determinado desejo’, de fazê-lo. Nosso olhar lançou-se, então, nesta direção: subjetiva, inconsciente, e muitas vezes desconhecida do próprio sujeito. Independentemente de onde ele veio, ou para onde ele foi. Com seus desejos, fantasias, projeções. Isto porque, para além do fato de terem migrado, estes sujeitos (assim como qualquer outro sujeito da psicanálise), transportam ou – são transportados por - um inconsciente.

Remetemo-nos a um trecho de Grinberg (1984), extraído de seu importante trabalho intitulado ‘*Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*’ (Psicanálise da Migração e do Exílio), que nos fala:

Partir? O que alimenta o desejo de partir? (...) pode haver razões externas que justificam e alimentam esse desejo; assim, por exemplo, razões econômicas podem explicar a necessidade de mudar-se para um ambiente que ofereça condições mais favoráveis para o desenvolvimento pessoal ou dos filhos (...) ou ainda, as possibilidades de desenvolver e aperfeiçoar estudos e profissões podem impulsionar muitas pessoas em direção a outros países (...). **Porém, ainda que estas razões existam, em um plano mais profundo, podem ser utilizadas como racionalizações que permitam satisfazer outras necessidades, conflitantes ou não, de origem interna (...).** (p. 21-27, TDA, grifo nosso).

O que, de fato, acreditamos ter se confirmado em alguma medida, em nossa escuta dos ‘relatos de viagem’ de nossos sujeitos, de seus movimentos, de suas buscas para além das fronteiras conhecidas. E, para além do que narravam – para onde iam, o que acreditavam buscar, o que viam – revelavam-nos um mundo interno, subjetivo, pulsante, agora atravessado por estas fronteiras externas, que lhes vinha à tona.

Diante da pergunta “*Como foi para você, ter sido estrangeiro(a)?*”, disseram-nos das mais variadas ‘coisas’. Coisas estas psíquicas e que, enquanto particulares e subjetivas, mostraram-se fornecedoras de uma compreensão mais ampla, ainda que específica: a de que o sujeito *estrangeiro*, ele, tem um mundo interno bastante próprio, onde quer que esteja e/ou transite. E este mundo interno próprio, não só o coloca na

estrada, como certamente viaja com ele – como seria de se esperar. Uma vez que o sujeito estrangeiro é, antes de tudo, conforme já dito, um *sujeito*. Assim, em cada um deles, além da articulação com a experiência do *estrangeirismo*, do transitar, do ‘buscar lá fora’ - seus movimentos internos e suas histórias subjetivas mostraram-se ricas, únicas, e, aí sim podemos dizer, inesperadas.

Cabe lembrar, neste momento, que alguns autores encontrarão diferenças entre os sujeitos que ‘desejaram migrar’, e aqueles que se exilaram em condições impostas, tal qual o exílio político. Disse-nos Kacelnik (2008), a partir de sua experiência de atendimento a pacientes estrangeiros:

A migração é uma mudança de tal magnitude que não só põe a identidade em evidência, como também a coloca em risco. A perda de objetos é maciça, incluindo os mais significativos e valorizados: pessoas, objetos, lugares, idioma, costumes, clima, às vezes profissão e condição social ou econômica, a todos os quais estão ligados intensas lembranças e afetos. (...) **Aqueles que migram para construir uma nova vida sentem a experiência de maneira muito diferente daqueles que abandonam a terra-mãe para se salvar.** (p.6, grifos nossos).

Um dos sujeitos de nossa pesquisa abandonou *sua terra-mãe* para se salvar. E, aqui, o abandono da terra e da mãe, lado a lado, nos parece especialmente pertinente.

Por outro lado, ou, complementarmente, pode-se também argumentar – segundo outros autores - que, todos, de uma maneira ou de outra, ao migrar, independentemente em qual condição o fazem, têm algo em comum. Quer se trate de imigrantes, exilados, refugiados, ou outra forma de sujeito em trânsito.

Tal qual nos disse Segers (2009):

Ora, que se trate de exílios impostos ou voluntários, refúgios políticos, de migrações de acordo ou econômicas, o exílio produz sempre efeitos uma vez que ele convoca a uma metamorfose (...) à particularidade de ser “outro” e onde ele será a figura do estrangeiro, jamais neutra. (p. 17, TDA).

Este tema nos leva invariavelmente a uma ampla polissemia de definições, olhares, compreensões, ênfases teóricas e práticas. Contudo, diante dos autores pesquisados, todos, apesar de suas diferenças, parecem partilhar de um mesmo ponto em comum: “*O deslocamento, o exílio, o atravessar de fronteiras, e o lugar num país de acolhimento, são suscetíveis de produzir modificações psíquicas profundas.*” (Lagarde, 2004).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAHAM, N.; TOROK, M., *A casca e o núcleo*, Trad. de Maria J. R. Faria Coracini, São Paulo: Ed. Escuta, 1995.

FIGUEIREDO, L.C.M., *A Clínica Psicanalítica a partir de Melanie Klein – O que isto pode significar?*, *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, n. 39 (71): p. 125-150, 2006.

FREUD, S., *O Estranho*, *Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1919/1976.

GRINBERG, L. e R., *Psicoanálisis de la Migración y del Exilio*, Madrid: Alianza Editorial S.A., 1984.

KACELNIK, J., *Em que Língua teria Édipo conversado com a Esfinge?*, *Revista IDE*, versão impressa ISS 0101-3106 vol. 31 n. 47, São Paulo, 2008.

KOLTAI, C., *Política e Psicanálise. O Estrangeiro*, São Paulo: Escuta, 2000.

KRISTEVA, J., *Estrangeiros para nós mesmos*, Trad. de Maria Carlota C. Gomes, Rio de Janeiro: Editora Rocco Ltda., 1994.

SEGERS, M.-J., *De l'exil à l'errance*, Paris : Ed. Erès, 2009.